

INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR: Em que medida está ocorrendo o processo de inclusão de um aluno deficiente visual na UNIFAGOC?



Xavier, Raphaela de Souza;

OLIVEIRA, Euzélia Squizzato de – ORIENTADORA.

INTRODUÇÃO

Deficiência é uma insuficiência ou ausência de funcionamento de um órgão e ou uma insuficiência da função psíquica ou intelectual, limitando as funções físicas, intelectuais ou sensoriais. Esta condição, resulta em dificuldades na vida social, acessibilidade, segurança, comunicação, entre outras. O indivíduo pode nascer com deficiência, ou adquiri-la ao longo da vida. Entre as diversas deficiências existentes destacamos a deficiência visual que de acordo com o Decreto 3.298, de 20/12/1999 caracteriza-se pela limitação ou perda das funções básicas do olho e do sistema visual, considerando deficiente visual a pessoa cega ou com baixa capacidade de visão.

Atualmente, em todas as empresas e instituições de ensino, aderiram à Lei nº 10.098, de dezembro de 2000, mais conhecida como Lei da Acessibilidade, que busca incluir e melhorar a acessibilidade de pessoas com algum tipo de deficiência. Esta Lei, foi atualizada e foram inseridos vários tópicos visando melhoria na qualidade de vida, acessibilidade e inclusão dessas pessoas. Muitas das instituições, ainda não estão se adequando corretamente, pois, incluem o indivíduo deficiente, mas não oferecem uma infraestrutura adequada e regularizada.

Sendo a UNIFAGOC uma instituição que atende alunos com deficiências, optamos por analisar o caso de um deficiente visual. Analisando a percepção e inclusão do aluno, quanto a acessibilidade e se ocorre um processo, cumprindo uma política inclusiva ou apenas fazendo inclusão para cumprimento da lei. Tendo como objetivo identificar as dificuldades que o aluno deficiente visual, vivencia em sua vida acadêmica. Conhecer quais as técnicas e meios utilizados no ensino desse aluno, verificando se ele tem apoio psicopedagógico e se as adaptações seguem as normas e atendem às necessidades deste.

Dentro desse contexto surge a questão: Como está acontecendo a inclusão do aluno com deficiência visual na UNIFAGOC?

Para atingir os objetivos da pesquisa, fez-se necessário um aprofundamento do estudo dentro de uma perspectiva qualitativa. Visando um entendimento e aprofundamento na análise dos dados sobre um determinado grupo social. Na maioria das vezes, o método qualitativo é buscado e utilizado para se explicar o “porquê das coisas”, indo além de dados estatísticos, levando em conta diferentes tipos de abordagem.

Sendo assim, reafirma-se a necessidade da escolha de uma pesquisa desse caráter para o alcance dos objetivos gerais do estudo, tendo como foco a escuta do aluno. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo principal identificar as dificuldades que um aluno deficiente visual vivencia em sua vida acadêmica e as dificuldades para acessibilidade no local. Com o propósito de mostrar as dificuldades ainda presentes na instituição, trazer à tona o que está de acordo com a lei, o que já foi realizado e o que ainda falta ser feito.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O entrevistado, estudante da UNIFAGOC/Ubá- cursando Direito, seu tipo de deficiência é congênito com o grau da perda da sua visão parcial de proteção de luz, segundo o mesmo está satisfeito com o apoio recebido pela faculdade.

Para o entrevistado, ele sempre teve certa dificuldade para enxergar e, à medida que os anos foram passando, aumentou. Mesmo com acompanhamento médico periódico a mudança foi degenerativa, até receber o diagnóstico de Retinose Pigmentar, que é a degeneração da retina, ocasionando gradativamente a perda da visão.

Quando questionado sobre a prática pedagógica utilizada para atender suas necessidades especiais, afirmou ser pioneiro na UNIFAGOC, portanto, considera que para a direção da instituição e para os professores está sendo um aprendizado. Com a fundação do Núcleo de Acessibilidade percebeu um avanço no suporte recebido, como por exemplo: intensificou a permissão para gravar as aulas, as provas em pen drive, quando necessário, utiliza os serviços de leitor e transcritor, os professores recebem orientações quanto a metodologia aplicada em sala de aula, recebe orientações de estudos e acompanhamento psicopedagógico.

De acordo com a Declaração de Salamanca (UNESCO, 2003), a escola inclusiva é aquela que consegue enxergar as necessidades especiais do seu alunado e adapta seu currículo para uma prática pedagógica que irá atender a todos proporcionando um nível de aprendizagem significativo.

Na visão de Sasaki (2009), “a acessibilidade é um amálgama entre arquitetura, atitude, comunicação, instrumento, metodologia e programação, e que todos esses itens são importantes e complementares entre si.” Percebe-se que a instituição está no caminho certo no que concerne à acessibilidade e inclusão.

Para o entrevistado, a acessibilidade da UNIFAGOC, no tange à arquitetura, atitude, comunicação e instrumento, considera razoável, pois, segundo ele, atende bem na parte de estrutura, instalou pisos táteis em todo prédio, banheiros adaptados colocou identificação das salas em Braille, tornando fácil o seu deslocamento e acesso às salas. Quanto à metodologia e programação considera que ainda necessita de aperfeiçoamento no que se refere ao atendimento às suas necessidades especiais.

Na acessibilidade arquitetônica não há impedimentos físicos que dificultam o acesso aos ambientais, ou seja, os espaços têm fácil acesso através de elevadores, rampas, sanitários adequados, guias rebaixadas na calçada em frente à entrada, superfícies planas, portas largas, torneiras e maçanetas de fácil manuseio, boa iluminação, pisos táteis e outras normas sugeridas segundo a ABNT 9050, (SASSAKI, 2009).

Na percepção do entrevistado (2019), o processo de ensino e aprendizagem ainda precisa ser melhorado, e conclui almejando poder ter contribuído para abrir novos caminhos para outros deficientes que possam vir. Desejando que eles encontrem o caminho mais livre e com mais acessibilidade na aprendizagem.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a inclusão na UNIFAGOC ainda está em processo de melhorias para o atendimento dos alunos com deficiências. Não é pretensão deste trabalho esgotar o tema aqui discutido. Ao contrário, esta pesquisa pode ser considerada como um passo inicial a novos estudos com a finalidade de favorecer avanços na área da inclusão dentro da UNIFAGOC.

Portanto, deixa-se aqui a contribuição para novos pesquisadores discutirem em outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

Batista, C. G. (2005). Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 21(1), 7-15. Acessado em agosto/2019.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394)**. Brasília, Centro Gráfico, 1996. Acessado em agosto/2019.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 7.853/89. Brasília, Centro Gráfico, 1989. Acessado em agosto/2019.

CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. **Metodologia científica: para Uso dos Estudantes Universitários**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, p.159, 1983. Acessado em agosto/2019.

<https://novaescola.org.br/conteudo/270/deficiencia-visual-inclusao> Acessado em Agosto/2019

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10098.htm. Acessado em agosto/2019

MAHONEY, Abigail Alvarenga e ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.). A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. **São Paulo: Loyola, 2004**. Acessado em agosto/2019.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: **teoria método e criatividade**. 17ª ed. **Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.p. 80**. Acessado em agosto/2019.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão no lazer e turismo: em busca da qualidade de vida**. São Paulo: **Áurea, 2003, p.128**. Acessado em agosto/2019.